

BOM DIA

Possivelmente não exista, no Brasil, um assunto tão antigo e ao mesmo tempo tão atual como o da corrupção. Não ~~existe~~ ^{há} a menor dúvida ~~de que~~ ^{se} a corrupção é a maior e a pior praga existente no País e, até hoje, contra ela, não se encontrou nenhum remédio. Muitos estudiosos, inclusive jornalistas, não escondem mais que essa praga está acabando com o Brasil. A corrupção vem liquidando com nossas riquezas, empobrecendo a população e minando a moral do nosso povo.

Em nosso caso, essa praga se torna mais danosa ainda por causa da impunidade. Ninguém, até hoje, amargou a prisão ou teve que devolver algum bem, por causa de uma condenação. Este é o lado mais cruel desse drama. A corrupção é praga mundial. Seguidamente acompanhamos escândalos em países adiantados como o Japão, os Estados Unidos, da Inglaterra, entre outros. Mas seguidamente, vemos, essas pessoas sendo condenadas a prisão ou a devolver aquilo que ganharam de forma criminosa.

Alguns números, entre nós, mostram que muitas foram as tentativas para esclarecer as negociatas e punir os culpados. Mas tudo ficou apenas nas boas intenções. E como diz um antigo ditado: de boas intenções o inferno também está cheio. A partir da redemocratização, em 1946 até hoje a Câmara Federal aprovou a criação de 311 Comissões Parlamentares de Inquerito. E desse total de 311 CPIs 179 delas foram criadas para investigar corrupção administrativa, aplicação irregular de verbas públicas, contrabando, fraudes cambiais, abuso do poder econômico e até a ação de multinacionais da Imprensa.

E até hoje ninguém foi punido, nada se descobriu. O que confirma que entre nós brasileiros essa praga chamada de impunidade é tão violenta quanto a praga criminosa da corrupção. E é isso que deixa a população revoltada, pois é impossível que todas essas comissões foram criadas desnecessariamente..

E tem mais. Durante o Governo do Presidente José Sarney foram feitos 207 discursos na Câmara Federal e no Senado da República, sempre denunciando escândalos, corrupções e ~~nada~~ nada de prático aconteceu. E agora o Governo do Presidente Collor isso se repete e nesse período, ao que tudo indica, um novo recorde vai ser batido. Até hoje, com um pouco mais de um ano de governo, já foram feitos, na Câmara Federal e no Senado da República, 157 discurso sobre esse mesmo tema. E, para confirmar nossa história, nada de prático aconteceu.

E isso que o presidente Collor se elegeu denunciado a corrupção. Se elegeu dizendo que iria acabar com a inflação e com toda a corrupção existente. E o que vemos são palavras, discursos e tudo na mesma rotina.

Enquanto não acabarmos com a impunidade pouco será feito contra esse mal de lama que persegue este sofrido país. E mais ainda, é provável que até injustiças se cometam, quanto os verdadeiros culpados estão soltos, milionários e rindo da cara de todo o povo brasileiro. Estou convencido que dinheiro para saúde, educação, casa própria, escolas, saneamento básico existe. Acontece que ao invés de ser aplicado em obras que possam melhorar a vida de todos nós o dinheiro é desviado para os bolsos de um pequeno grupo - tanto aqui dentro do Brasil, como para fora daqui, que é para onde está indo a maior parte da nossa riqueza.

O que ~~nos~~ falta - em termos das autoridades, é vergonha na cara e muita cadeia. Sem isso continuaremos empobrecendo em cima de um ~~dos~~ países mais ricos do mundo. Triste verdade.....

Até amanhã.

Valdino Tasca

Múcio, o garimpeiro

Coisas da vida: sessenta anos e duas ditaduras. E, também, coisas dessas republiquetas de banana que os canastrões tipo Reagan fazem proliferar por estas sofridas bandas do mundo. É ótimo para um roteiro de filme que deseja sucesso de bilheteria, mas terrível, muito terrível quando se trata apenas de querer fazer Imprensa.

Notem o detalhe. Quando avancei pelas portas de O NACIONAL pela primeira vez, disposto a iniciar no jornalismo, em plena vigência dessa excrecência chamada ato cinco, lá estava o velho Múcio aguentando sua segunda ditadura. Foi a partir desse momento gratificante que aprendi, e jamais esqueci, o significado da palavra liberdade.

É necessário que se repita que O NACIONAL, embora a ditadura insana, era um território livre, o lugar onde alimentávamos nossas forças para ajudar a resistir o vendaval que varria a Nação e a transformaria nesse caos em que se encontra até hoje.

"Cada um luta com as armas que tem"-disse o velho Múcio certo dia, durante discussão a respeito das tropelias cometidas pelos generais de plantão e diante da nossa impotência imediata como jornalistas.

"Mas seu Múcio, nós temos apenas uma máquina de escrever e os homens estão com os fuzis, os canhões, a polícia, os porões infectos. É uma luta desigual"-retriquei, defendendo a tese de que tínhamos muito pouco nas mãos.

Ele jamais perdeu a calma e a perspectiva: "se você pensar apenas na força bruta é evidente que é uma luta

desigual. Eles podem entrar aqui a qualquer hora e liquidar com tudo. O problema não é esse, é preciso compreender e viver com muita convicção o significado da palavra liberdade".

Não estava ali, naquele momento, um neófito em enfrentar regimes de exceção, com o que o bom senso mandava ouvir mais, saber mais, confiar mais. Não fosse isso estaríamos, possivelmente, dando pouca importância a tal raciocínio. Vejam que o Múcio era bastante jovem quando, já na qualidade de diretor, foi obrigado a fazer Imprensa num regime ditatorial. O Estado Novo havia criado o famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda-DIP-nos moldes dos estados fascistas da época, com o qual Getúlio deseja controlar a população.

Múcio dizia algumas coisas terríveis: "Se você permanecer livre e se os ditadores sentirem que você é e está livre, embora toda a opressão, a liberdade estará viva. E ditador odeia isso, ditador não suporta essa liberdade, eles entram em pânico quando tal acontece".

Nesse clima nós trabalhávamos durante a segunda ditadura vivenciada pelo O NACIONAL. Isso pode, aquilo não pode, o comandante mandou dizer que tal notícia não deve sair, esse assunto está proibido, sobre isto somente informações oficiais. E nós todos ali dentro, completamente livres, mesmo quando nossas máquinas de escrever permaneciam silenciosas.

Ao lado, no comando, o velho Múcio, sempre estimulando a avançar o sinal. Crônicas censuradas em Porto Alegre, charge que não tinha espaço na Capital, a gente publicava. Lembro, perfeitamente, que O NACIONAL foi um dos primeiros-

senão o primeiro, este título a gente ainda reivindica-a publicar, claramente, que a normalidade democrática se tornaria realidade com a volta dos militares aos quartéis.

Nós poderíamos ir muito longe, falando dessa presença positiva da ação do velho Múcio e de O NACIONAL durante seis décadas, e duas ditaduras, se este fosse nosso objetivo principal. E motivo teríamos para tanto, eis que não é todo o dia que se faz sessenta anos.

O principal, neste momento de festas, tanto para o jornal como para a própria Nação, que engatinha na construção de uma democracia, é ressaltar essa posição do velho Múcio de Castro em se tratando de liberdade. Se descobre, dando razão a Martin Fierro, que liberdade não é uma coisa pronta que nos dão. Muito mais, é uma expressão da essência do ser humano que precisa ser descoberta, construída, procurada, garimpada a todo instante.

Um garimpeiro da liberdade, é isso descobro agora-o que foi Múcio durante sua vida de jornalista. Vejam que ele ficou dia após dia, noite após noite, madrugada após madrugada, garimpando liberdade, por mais que os poderosos momentâneos teimassem em contrário.

Não vejo melhor homenagem ao Múcio que registrar, neste 19 de junho de 1985, que seu garimpo cresceu, que embora o preço alto por ventura pago durante sua penosa caminhada, valeu a pena. Registrar que hoje colhemos os frutos doces da perspectiva de uma democracia graças à resistência daqueles que jamais esmoreceram. Não foram, poucos, estes, pelo Brasil a fora e, dentre eles estava o velho Múcio, o garimpeiro...

Ivaldino Tasca retorna



Depois de algum tempo afastado das atividades jornalísticas, a partir deste domingo, Ivaldino Tasca estará retornan-

do às páginas de O Nacional, com uma coluna sobre coisas do cotidiano.

Com 21 anos de profissão, Tasca iniciou sua brilhante carreira em ON no início da década de 70. Trabalhou 10 anos como Chefe da Sucursal da Caldas Júnior em Passo Fundo e atuou em todas as rádios locais. Atualmente, ele faz comentários diários sobre atualidades na Rádio Passo Fundo e é Diretor da Aldeia Sul Editora Ltda.



Mensalão & Privataria: nós, os revolucionários, no poder

Uma noite de 1967 ou 1968, em casa de veraneio na região dos Lagos no Rio de Janeiro (Araruama?) contemplávamos a paisagem que a lua prateada descortinava e idealizávamos o Brasil que faríamos ao tomar o poder. Tínhamos essa inabalável fé de que derrotaríamos a ditadura (não importava o custo) e faríamos o Brasil que os brasileiros sonhavam (no mínimo o que nós, da esquerda, sonhávamos).

Durante aquele e outros dias ali se reuniu o Conselho da UNE. Eu representava a AP e devíamos dar rumo ao próximo congresso nacional dos estudantes (se de Valinhos ou de Ibiúna não recordo). No intervalo dos trabalhos um companheiro de organização me passou as últimas novidades, entre as quais que os militares iriam engrossar o caldo e nós (ou seja, os revolucionários) deveríamos nos preparar para o tudo ou nada. Ele confirmou que deixaria a AP se ela não optasse pelas armas...

Era minha estréia em reuniões dessa envergadura e estava elétrico. Primeiro só por estar ali; segundo por visitar, dias antes, a residência de um figurão do movimento estudantil nacional (a cozinha da casa dele era maior que nosso apartamento em Passo Fundo) e, terceiro, por ter escapado de uma roubada. Quando cheguei ao Rio ninguém apareceu no local marcado e acabei dormindo, cheio de temores, numa praia (pode ser a da Urca?) onde testei meus pendores revolucionários e comi o que os caras que se diziam pescadores ferveram numa lata de quero-sene e comeram naquela noite!

Outros papos tivemos sobre o Brasil que faríamos quando tomássemos o poder. Naquela casa da região dos Lagos do Rio (e em outros locais, depois) teve gente que ficou pelo caminho, torturado ou morto pela repressão e gente que deve estar no poder em algum lugar deste país redemocratizado. Tem coisa mais bonita? Sonhar o sonho impossível e concretizar tal sonho? A história geral vocês conhecem, o caldo engrossou e entornou, veio o AI-5 e com ele a ditadura ganha musculatura, veio a resistência, veio a tortura, vieram as prisões, vieram as mortes e veio, finalmente, a redemocratização.

E com a redemocratização, sem sombra de dúvidas, quem fez a luta nos anos 60 e fez a luta dos anos 70, independente da organização de esquerda que pertenceu (elas pululavam como os cogumelos após a chuva), chegou ao poder. Chegou ao poder em Brasília e em vários estados da Federação. O sonho impossível se tornou realidade.

E com a chegada ao poder da esquerda revolucionária veio o que mesmo: Veio essa esquizofrênica guerra de guerrilha que assistimos entre os que fizeram o mensalão e os que fizeram a privataria. Lembrando Ionesco discutem na imprensa quem roubou menos. Ou, o que é pior: nós roubamos, mas quem não rouba? Ou, a síntese dialética dos novos tempos: que atire a primeira pedra quem nunca roubou. Estamos beirando a demência: há quem defende que há mais fatos de corrupção hoje do que na ditadura. Haverá humilhação maior?

O que infelicitiza é que essa tragédia não é coisa da direita assassina ou capitalista explorador, nem de imperialista impiedoso ou de neoliberal sugador da riqueza do povo. Mensalão e a Privataria são obras de revolucionários. Ao chegar ao poder, parte dos revolucionários roubam mais do que roubavam aqueles que condenávamos durante os dias nublados do arbítrio, condenávamos na reunião da região dos Lagos. Com cinica frieza assustadora os operadores do mensalão e da privataria conspurcam a memória de quem ficou pelo caminho, de quem deu a vida para que a democracia retornasse. Com a covardia dos fracos enterram nosso sonho de um Brasil melhor. Eles ficarão impunes?



Um Brasil a procura de algo!

O Papa Francisco colocou milhões de brasileiros de todas as idades, mas de modo especial os jovens, nas ruas. Quem viu a praia de Copacabana no domingo pela manhã tão cedo não esquecerá o que está gravado no cérebro. Em junho passado, sem que ainda tenhamos uma explicação mais plausível, milhões de brasileiros de todas as idades, mas de modo especial os jovens, foram às ruas. Quem assistiu televisão tão cedo não esquecerá as multidões caminhando por todo o país. Embora as motivações possam ser diferentes nos dois casos é viável dizer que as pessoas deixaram seus lares e foram para as ruas em busca de alguma coisa – material ou espiritual. Foram em busca de algo que falta, ou incomoda, ou angustia, ou...

Por ocasião dos acontecimentos de junho nossas autoridades de Brasília caíram do cavalo, como se diz aqui no Rio Grande, e se deram conta que existe uma enorme diferença entre o Brasil dos discursos (tipo “nunca antes neste país!”) e a crua realidade que nos impinge as 24 horas de tensões que se tornou a luta pela sobrevivência diária. Quando botamos todos os pedidos apresentados numa balança a síntese que surge é bem simples: “os jovens foram em busca de um Brasil mais justo”.

Quando colocamos na mesa a dimensão do nosso território, as nossas riquezas em todos os níveis, as nossas condições de clima, o número de habitantes e fizemos comparações com outros países, concluímos que nós brasileiros devemos refletir melhor sobre o tempo feito nos últimos anos. Assim, nesse contexto, o que as pessoas buscaram nas ruas em junho vai demorar a chegar, com o que ninguém estranhe se nova avalanche de gente trancar o trânsito novamente.

Agora, nos acontecimentos desta semana que passou, com tudo programado pela Igreja Católica, o que as pessoas foram buscar mesmo nas ruas? A Jornada Mundial da Juventude trouxe o Papa Francisco para o país e segundo ele os jovens foram às ruas por “uma civilização mais justa”.

Simples assim? Algo mais justo é o que precisamos no Brasil e no mundo?

O que nos tolhe, qual o maior empecilho para se alcançar um Brasil mais justo, uma civilização mais justa? Falta-nos conhecimento? Carecemos de informações? Não existe tecnologia? Nada disso nos falta, pelo contrário, há abundância nessas áreas. O que a humanidade alcançou nos últimos 50 anos parece dizer que nessa linha não temos reclamações. Em qualquer área do conhecimento obtivemos avanços tão expressivos que um terráqueo do início do século vinte chamaria de louca a vidente que lhe dissesse o que alcançaríamos o terceiro milênio.

O que nos falta para que a almejada civilização mais justa vigore, na realidade, depende de cada um nós e por depender de cada um nós vai demorar um pouco mais para chegar. Sou otimista, creio que vamos avançar, o amanhã será bem menos injusto porém a demora está no fato de que sabemos o que não queremos, mas não sabemos explicitar como conseguir o que queremos. Todas as experiências do século passado em busca de um mundo melhor produziram apenas mais sofrimento para todos.

Tem nos faltado o dom para viver na prática o significado da palavra tolerância. A intolerância é nossa marca. Nos incomodamos facilmente com qualquer diferença. Vemos as diferenças como ameaça; ou seja, somos intolerantes porque somos fracos; apesar dos avanços dos últimos 50 anos às vezes somos assombrados pelos fantasmas que construímos ainda nas cavernas...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Observações sobre o cotidiano feminino

Há componentes de transcendência na mulher? Estou inclinado a admitir que sim. Não tenho certeza, apenas intrigante desconfinça.

Em minhas reflexões com meus botões às vezes acho que ela deve ser regida, movida, impulsionada, também, por leis da física e da química cuja compreensão não está ao nosso alcance – não está ao meu alcance, pelo menos.

Não enfoco aqui questões subalternas do tipo superioridade ou inferioridade entre macho e fêmea. Essa é discussão gasta, superada, arcaica. Se fosse fazer comparação, usando um edifício como exemplo, as mulheres seriam as fundações, os homens o restante; um não existe sem o outro embora a diferença do papel de cada um.

Enveredo pela senda que me intriga desde há muito e que diz respeito a sutil diferença entre os machos e fêmeas da nossa espécie. E que tem raízes em observações singelas no cotidiano da mulher da roça. Foi a partir da figura da nona e de sucessivas gerações de mulheres roceiras até chegar à cidade, que nasceram as interrogações que cutucam minha cabeça. Não que tal trajetória tenha sido fácil para um ou para outro, pelo contrário, a luta pela sobrevivência tem exigido enormes sacrifícios dos homens e das mulheres.

A nona jamais cansava, era a primeira a levantar e a última a deitar. A nona comandava a casa (num tempo sem energia elétrica, sem água encanada, sem fogão a gás, sem mercado, sem padaria, sem geladeira), cuidava do bem estar dos filhos e do marido. Providenciava o café da manhã, a janta e o almoço, lavava a louça e a roupa, assava o pão, acuca, a bolacha, fazia o queijo, a marmelada e as compotas, fabricava da massa ao sabão, costurava a remendava roupas. Quanto tempo e esforço despendia para pegar o frango no galinheiro, torcer o pescoço, depená-lo, limpá-lo adequadamente até leva-lo ao forno? Não raro encontrava tempo para ir para a lavoura.

O dia, para grande partedaas mulheres da roça, parecia ter 36 horas. Mais que isso, a nona jamais conseguia se desligar, esse é um detalhe interessante. Ela estava permanente conectada em suas responsabilidades. O trabalho dentro de casa tem essa característica de nunca estar concluído...

Hoje, na cidade, essa carga, para boa parte das mulheres (falo de mulher, não de dondoca), aparenta não ser muito diferente daquela que fazia a rotina da nona embora toda a tecnologia que veio para ficar.

Manter-se atenta para a casa estar sempre em ordem, não descuidar do marido, não negligenciar nas necessidades dos filhos (criar os rebentos hoje é mais complicado do que no passado) e permanecer de atalaia quanto às exigências do emprego (inclusive ganhando menos pelo mesmo trabalho) não é tarefa que se cumpra sem determinação especial e energia extra. Isso que nem falamos de preconceitos que aqui e ali ainda pipocam com sua presença.

A exemplo da nona, a mulher da cidade raramente consegue desligar-se, pois em seus momentos de folga precisa pensar nela mesma para poder melhor desempenhar suas responsabilidades com a casa, com o marido, com os filhos, com o seu trabalho, e com a sociedade.

Na verdade o que gostaria de saber com todas essas observações, é se há componentes de transcendência na mulher?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A esquerda sem voz, os vira-latas & os delírios

Talvez fossem 12/13 na sala. Eu tinha 15/16 anos. O cara do alto escalão veio recrutar jovens para missões especiais. Eu, nascido no Sarandi, em Palmeira arrumando troco do matine vendendo osso, armando palitos de bolão, naquele instante garçom na churrascaria do pai em Passo Fundo, aluno do ginásio posto entre os eleitos para mudar o mundo? Qual ego não estufa?

O papo cita Jesus, desafios por mundo de justiça social, opção pelos miseráveis. Lembrou-nos: "bem aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus". Foi fundo: "é mais fácil camelo passar pelo buraco da agulha do que o rico entrar no paraíso". Saímos da sala convencidos: éramos os eleitos. Uns deram o melhor da vida pela causa que lembra o cão tentando morder o próprio rabo.

Desse jeito nasciam caras de esquerda que saíam em busca do socialismo já que o capitalismo gerava mazelas. Era fácil, botávamos os bons num lado (nós) que seriam a esquerda e os maus (quem discordasse) no outro, representando a direita. Virtude, honra estavam na esquerda, pecado, ignominia na direita. Mais simplificação: Estados Unidos capitalista fonte do mal tinha apoio da elite direitista. Stálin, Lenin, Mao, Fidel eram socialistas e tinham o apoio dos caras do bem, da esquerda. Adiante o enfatiado francês Régis Debray, viria, com Guevara, incendiar a imaginação imberbe como se fossemos usuários de crack.

Nesse contexto simplório (mas tragicamente real) imagine os grupos de esquerda – que sempre brotaram como cogumelos – como tribos! Pode ser como seita, religião, mas fiquemos com o conceito de tribo. E recordem: o tribalismo também pode se referir a determinado modo de enxergar o mundo, de pensar, se comportar, no qual as pessoas são mais leais à sua tribo do que a seus amigos, seu país ou qualquer outro grupo social.

Por que refiro isso? Porque desde Marx até hoje nada de útil para o Planeta foi produzido por isso que chamamos de esquerda. Seu legado é só terror, assassinatos em massa e pobreza, muita pobreza onde governou. Sobre os velhos o conceito de tribo ajuda entender a messiânica adoração por tudo que dizem ser de esquerda. E, talvez, explique porque Veríssimo, intelectual gaúcho de esquerda definiu como cães vira-latas as pessoas que saíram às ruas para protestar contra Dilma, Lula e o PT. Pode?

Ao jovem hoje encantado com a esquerda como ocorreu no passado cito o guru da luta armada dos anos de chumbo, Régis Debray. A revista Época perguntou: "A esquerda está morta?" Debray foi singelo: "Sim, na Europa pelo menos. Lá, a esquerda interfere apenas nos assuntos marginais da sociedade, como a legalização da maconha ou do casamento homossexual. Temas com repercussão na mídia, mas de menor profundidade". O sociólogo português Boaventura Souza Santos (para ele sociólogo é bom em prever o passado) afirmou: "Nos EUA o Partido Democrata é de esquerda, mas na Europa e América Latina seria considerado de direita. O Partido Comunista chinês é de esquerda? Com isso é de se perguntar: o que é esquerda?"

Pois é, se a esquerda morreu, qual a saída para superar o capitalismo. Para Debray (amigos juram que ele está com perfeita saúde mental) "o islamismo é a única oposição séria ao capitalismo". Enquanto seguirmos com tais baboseiras, presos a conceitos vazios de esquerda e direita, cegos pelo tribalismo, outra geração deixará de aproveitar as lições da história para encontrar o rumo de um mundo mais harmônico.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Nós, o povo e nossos políticos

O processo eleitoral recém-findo trouxe à baila um tema recorrente na sociedade brasileira: a qualidade dos políticos. Nada de novo nisso o que, entretanto, não impede que se escreva a respeito a qualquer momento. Cada um de nós tem sido ácido com eles o que não significa sermos justos. Um ar excessivamente severo, não raro, pode esconder alguns defeitos da gente. Nada de novo, ainda, nessas questões de assumirmos uma postura em público, quando estamos sendo vigiados e outra, bem diferente, quando não observados, mas esta é questão universal e não apenas relativa aos brasileiros.

Estou concluindo que há certa ingenuidade (não usei maldade de causo pensado) na análise que fazemos da classe política nacional. Sobre seu despudor. A regra é demonstramos surpresa, irritação diante de posturas condenáveis que a imprensa revela e comenta a todo instante.

Diante disso tenho me perguntado ultimamente: o político que eu, tu, eles elegemos consegue ser radicalmente diferente do caldo de cultura onde foi produzido? Não é possível fugir da resposta a este quesito, pois ele não se forma e nem é eleito no vácuo. Alguém já disse (seria Ortega e Gasset?) que o homem é ele e suas circunstâncias. Ou seja, seu DNA e seu contexto social. De forma simplória: mamãe urso vai parir um ursinho ou uma ursinha, e não baleia, nem beija-flor.

Estranhamente nós, aquilo que denominamos o povo brasileiro, reiteradamente temos exigido que os políticos que elegemos - não raro esperando algum favorzinho, é de bom tom reconhecer - se comportem, após o resultado das urnas, diferente da sociedade onde ele nasceu, cresceu e se elegeu. Por isso é interessante que nós, aquilo que denominamos o povo brasileiro, analisemos como temos nos comportado em nosso cotidiano em todas as dimensões de nossos relacionamentos.

O que realmente fazemos rotineiramente no plano ético? O que fazemos na prática no plano do direito das pessoas? Ainda outro dia, em pleno terceiro milênio, um cidadão (seria o típico cidadão brasileiro?) munido uma óbvia cara de pau simplesmente se sentiu no direito de furar uma fila porque estava com pressa, tinha muitos afazeres e estava chovendo. Vocês entenderam? Ele era um cidadão com pressa, tinha muitos afazeres e estava chovendo e, por causa dessas três coisinhas ele se lixou para os demais cidadãos que já algum tempo estavam na fila. Somos assim, o meu interesse sempre tem que estar acima dos demais...

Um olhar um pouco mais atento no cotidiano de qualquer cidade brasileira vai confirmar que sempre estamos procurando um jeitinho de burlar as leis vigentes, buscamos atalhos indevidos para levar vantagem em tudo desde o trânsito até a sala de aula, passando pelo trabalho e locais menos ortodoxos.

Eis o ponto crucial: se eu, tu e eles fizemos isso constantemente como cidadãos comuns vivendo na mesmice das planícies, imaginem o que eu, tu e eles faremos com todo o poder, com os incontáveis privilégios, com a imensa força, que o voto garante ao político.

Assim, por mais doloroso que possa se tornar para cada um de nós como indivíduos, o político não é nada mais, nada menos, do que um retrato do que somos no conjunto social. Ele, o político, não se cria no vácuo e não vai agir no vácuo, daí ser uma desafio mais complexo chegarmos a um patamar político que nossos sonhos almejam.

Membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

O profano & o sagrado em Paris

O romeno Mircea Eliade, definido por Leo Gilson Ribeiro como O grande interprete das religiões sentenciou: "o sagrado possui um modo de estar no mundo, uma atitude existencial do ser humano na história". Para uns nada mais precisa ser dito, para outros, tal sentença nada acrescenta. No campo da razão, especialmente neste terceiro milênio, pouco se apresenta mais pantanoso do que submergir em busca da distinção entre o que é sagrado e o que é profano.

Contraditoriamente para muitos, Mircea Eliade revelou, em seus estudos, "que jamais existiram no mundo meros adoradores de objetos, sendo tudo representação de um mistério que se mantém muitas vezes a um passo, mas sempre além da compreensão pela consciência". E acrescenta: "o ser humano vive rodeado de fenômenos que transcendem qualquer explicação científica, psicológica ou doutrinação ideológica: as manifestações do Sagrado em meio à vida humana." Realço: em meio à vida humana.

A partir do homo sapiens, quais coisas foram usadas para representar o mistério de Mircea e que se mantem de modo tão profundo numa época de tantos avanços tecnológicos? O céu, claro. Também o sol, a lua, o círculo, a água (dos quatro elementos o mais poderoso a extasiar), o arco-íris, a terra (a agricultura como ideia de fertilidade é imbatível), um ramo, o pão, o vinho, uma árvore, os animais, uma pedra (quantos de nós ainda carregam uma como amuleto?).

Postos no mundo hostil, solitários, inseguros e violentos quanto hoje, os seres humanos sentiam na pele a pequenez. Seus temores, suas duvidas, suas angustias, suas perplexidades, seus assombros foram conformados em objetos-pontes para esse mistério que pode acalmar o indivíduo, aplacar as mentes, amenizar a vida coletiva dando-lhes a sensação de pertencer a algo maior. Sem os fazer tolerantes, infelizmente

Lenta e gradativamente tudo isso foi sendo ritualizado em gestos, cantos, danças, orações, matanças, sacrifícios – inclusive humanos –, transformados em divindades e postos em locais "sagrados" como templos, palácios, cavernas, montes, lagos, rios, ilhas. Como diz Eliade, "o tempo não existe, as épocas são partes da mesma ilusão: só importam os rituais através dos quais a condição humana transcende a si mesma para entrar em contato com os deuses, com a Deusa, ou com Deus." Lembra Ribeiro "que Eliade embora não tenha negado a importância do progresso material, nega, como Einstein, que a física ou a biologia possam satisfazer as necessidades espirituais do ser humano".

Como a irrecusável busca pelo transcendente tenha produzido tanto ódio, tantas mortes entre as diferentes concepções no campo "do profano e do sagrado" não arrisco opinar. No processo histórico onde a necessidade de fazer escolha é perene, fomos, também, rotulando e rotulados, segregando os puros dos impuros, os infiéis dos fiéis, os bons dos maus ao bel prazer. Edificando tabus e mais tabus nossos deuses foram se tornando cruéis, vingativos, ávidos por sangue, exigindo até aquilo que nos teriam dado como bem supremo: a vida. E hoje vivemos uma espécie de Torre de Babel (exemplo atual é o ato de terror em Paris) tal o nível de insanidade que nos cerca. Enquanto ficarmos presos a uma visão de mundo de esquerda ou de direita – que para mim nada esclarecem, apenas exacerbam o clima ruim, pois perderam essência – pouco avançaremos.

Divididos em facções ideológicas mofadas este mundo está numa fase de levar as coisas ao pé da letra ou relativizar, quando algo interessa, ao sabor do vento, não importando as consequências e realidade. O contexto está tão complexo que a tese de Eliade pode ficar às avessas: "as manifestações do Sagrado em meio à morte humana."



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Com alguns coadjuvantes de somenos Luiz Ignácio Lula da Silva (PT), José Sarney (PMDB), Paulo Salim Maluf (PP) e Fernando Collor de Mello (PTB) têm dado as cartas e jogado de mão no mando da política nacional. A sintonia entre eles é tão surpreendente que todas nossas teorias nessa área acabam na cesta de lixo. Inclusive a sentença que diz: diga-me com quem anda que te direi quem és?

Eles possuem tanta afinidade, trocam tantos afagos, colaboram com afínco entre si que a gente fica com pulga atrás da orelha só em imaginar o teor dos diálogos que travam nos bastidores do poder em Brasília.

Que objetivos em comum podem aglutinar o Lula, um jovem espertamente bem comportado durante a ditadura, o Collor, que dava sua calungadas sem se importar com o que ocorria no mesmo período, o Sarney que pulou de galho em galho desde menino para sempre estar próximo dos poderes (foi fortão durante o arbítrio) e inclusive acabar na Academia Brasileira de Letras e o Maluf, empresário milionário caçado pela Polícia Internacional e que esteve entre os primeiros a apoiar o regime de exceção?

Vocês conseguem imaginar um diálogo na calada de noite entre esses homens que estão entre os verdadeiros senhores do nosso destino? Óbvio que proibido para menores. Por favor, não me venham com o tal de pragmatismo varonil...

Onde estão nossos sábios senhores da academia e nossos vetustos intelectuais que não esclarecem como chegamos a essa polenta sem cunho ideológico explícito. É uma união esdrúxula entre os homens cevados pelo aparato ditatorial e outro que diz ter lutado contra, com características típicas das republiquetas de banana.

Aqui na planície as perplexidades são de toda ordem, especialmente quando se trata de definir se esses senhores são de esquerda ou de direita. Nós sabemos que definir com total clareza quem é de esquerda e quem é direita é questão de fundamental para estabelecer quem é amigo e quem é inimigo. Afinal, quem é o amigo nesse quarteto?

No que Lula se diferencia de Sarney, de Collor e de Maluf? O que diferencia Sarney de Lula, Collor e Maluf? Quais as diferenças entre Collor, Sarney, Lula e Maluf? O que faz Maluf diferente de Lula, Sarney e Collor? Quem tiver alguma paciência vai, sim, encontrar coisas que podem eventualmente diferenciar um do outro, mas a questão não é tão simples. Queremos saber o que diferencia um do outro em algum que podemos chamar de essencial!

Anotem em seus caderninhos para um futuro que chega cobrando-nos mais rápido do que se imagina: as diferenças vão ficar nas firulas. Quando se trata de coisa importante, algo de peso, esses senhores, que também poderiam ser denominados de os "quatro cavalheiros do Apocalipse da ética nacional" tem em comum o fato de nunca antes neste país terem popularizado tanto a palavra corrupção.

Por onde caminham, por onde se movimentam esses quatro senhores a imprensa nacional – quem tenta fazer imprensa, ressalte-se – encontra abundância de material para as páginas policiais, acumula manchetes estrondosas sobre falcatruas, roubalheiras, corrupção, desmandos, malfeitos.

Nosso Quarteto Fantástico cumpre seu papel longe da ficção, que a roubalheira é a coisa mais real do Brasil e engana-se quem crê que ela chegará ao fim enquanto um deles tiver algum comando em Brasília. Está no DNA de cada um deles.

* Membro da Academia Passo-fundense de Letras



Contraponto Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Epidemia de violência sexual contra menores?

Entre ontem e hoje o Planeta é outro, mudou radicalmente em todos os setores: o homem foi à lua, a expectativa de vida dobrou, o transplante de órgãos é rotina, vem aí a era dos robôs mas o ser humano continua sendo um animal irracional, um primata (será que não ofendemos os primatas?) quando se trata de suas relações sexuais.

Sexualidade é algo estritamente cultural. Coisa de grupo, bando, local, religião, seita. Monogamia, poligamia, poliandria, virgindade, masturbação, homossexualidade, lesbianismo, incesto são vividos de modo diferentes em cada cultura ao longo da história,

Repito Peter Stearns “não existe algo que possa ser definido como sexo “tradicional”, a ser contrastado com o sexo moderno. ” Assim, no coletivo, vão se firmando costumes, regras, leis que variam muito e que buscam harmonizar a convivência entre o indivíduo e o todo. Quando algo destoa do tradicional uma luz vermelha acende eis que pode estar ocorrendo mudança aceitável para os padrões vigentes mas que também podem indicar algo extremamente grave e amedrontador em andamento.

Revelações da médica do Instituto Médico Legal de São Paulo, Mariana da Silva Ferreira, deixam muitos sem fala quando entra no território da violência sexual, de modo ainda mais dramático contra menores – até mesmo contra crianças. Ela acende uma luz vermelha que também emite um som estridente.

Já comentamos isso: no Brasil há insanidade permeando nossas ações sexuais. Quem, no exterior, acompanha o noticiário pode crer que o brasileiro é tarado sexual, que que o País está no divã. Em dez anos de trabalho a dra. Marina Ferreira contabiliza 4.000 perícias. “A paciente mais jovem tinha sete dias de vida. Em uma mesma semana, chegou a atender um bebê de seis meses e uma senhora de 80 anos, ambas vítimas de estupro”.

Para espanto geral “o Brasil vive trágica epidemia de violência sexual contra menores. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública “uma menina de até 13 anos é estuprada a cada 15 minutos. Levantamento pioneiro do Instituto Sou da Paz mostra que enquanto estupros em geral caíram 2,5% no primeiro semestre de 2019 em relação ao mesmo período de 2018, os registros do crime contra vulneráveis (menores de 14) subiram 1%.

Mais estonteante: o perigo mora dentro de lar! Pais, padrastos, tios, avôs e amigos da família são, na maioria das vezes, autores da agressão. E, conforme a médica, existe resistência para o que o tema saia do seio familiar. “A família prefere esconder e resolver entre eles, é como se denunciar fosse trazer vergonha para todos. Escuto muito que não querem expor o cara nem destruir a família”. Aí ela pergunta: “que família?”

Mariana Ferreira faz uma observação interessante: quem violenta uma criança não é um “monstro”, como se costuma falar. “São pessoas agradáveis, de quem todos gostam, e tem uma imagem positiva na comunidade” Sua realidade de trabalho foi tão impactante que ela “fundou uma entidade para prevenção da violência sexual, a Pródigs, por meio da qual dá palestras e cursos de capacitação e divulga material informativo”.

Ah, sim: quem sabe o que está acontecendo em nosso País?



Contraponto Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Sobre quatro ases e um coringa

É angustiante o que ocorreu com integrantes do mais alto escalão do Poder Judiciário envoltos nessa névoa que nos leva a duvidar de tudo e de todos.

Afinal, nestes dias multifacetados quem realmente está servindo de modelo para uma criança ou um adolescente?

Quem merece respeito, consideração, admiração daqueles que serão adultos logo ali adiante e que vão exercer algum tipo de influência, de poder sobre alguns ou muitos?

Estou entre aqueles que cuja máxima “as palavras convencem, os exemplos, os testemunhos arrastam” tinha significado especial.

Houve um tempo em que o vovô, a vovó, eram os grandes timoneiros de nossos passos por quaisquer caminhos como depositários da sabedoria, do conhecimento, da ética, da honestidade. Logicamente pai e mãe estavam entre possíveis faróis a iluminar trajetórias. O padrinho, a madrinha, tios e tias eventualmente tinham, não raro, alguma lanterna, ou vela com algum naco de luz.

Com o tempo o território familiar foi deixando de possuir toda essa importância.

Evolução da sociedade, dizem, com o que fora do território do lar nossos olhares perscrutam algo como bússola!

Estou entre os que passaram pela experiência dos quatro ases e um coringa. Para quem não sabe, o “ÁS” é a carta de maior valor em alguns jogos, como canastra e pife e o coringa, voa de um lado para outro em poder de mudar o rumo do jogo. Por que fui ao baralho? Apenas porque é algo antigo; e põe antigo nisso: século 10 a.C.

Na Palmeira das Missões dos anos de 1950 não só na minha cabeça havia solene respeito, inescandível admiração, compreensível temor e obediência ao Prefeito, Juiz de Direito, Delegado de Polícia, Professor – os quatro ases. E ao padre, o coringa, claro.

Depois de Deus Todo Poderoso no céu eram esses quatro ases e o coringa na terra. Havia um carisma neles que fascinava, magnetizava os adolescentes. Voltamos a insistir: havia temor, também, sem que isso liquidasse o respeito. Óbvio, havia sim algo especial para com o advogado, o médico, o agrônomo, com que tivesse um curso superior, mas nada se comparava aos quatro ases e ao coringa.

Não, não, esse time capitaneado pelo vovô e pela vovó não deixa de ter a sua importância, mas ele também fazia reverência aos quatro ases e ao coringa. Neles havia algo mais. Padre tinha duas dimensões: a terrena e a celestial; o Professor é o que estava rotineiramente mais próximo, mas quando alguém passava perto de um Juiz, um Delegado de Polícia, um Prefeito era motivo de falação por dias.

Padre na missa, prefeito na Prefeitura, professor na aula, juiz no Fórum palestra delegado na DP tinham aura e eram modelo para a maioria! E hoje? O que ocorreu com a aura dos quatro ases e do coringa nos últimos 70 anos? Não sei.

Mas o que aconteceu no STF agora nos remete à década de 1960 com uma tirada do top do humor na época, Stanislaw Ponte Preta: “restaure-se a moralidade ou nos locupletemos todos.”



Corrupção e instituições incentivadoras

Voltamos a essa roubalheira institucionalizada, essa que tomou de assalto nosso apartado estatal e solapa o ânimo do brasileiro, porque as pessoas não falam de outra coisa. A corrupção é antiga e não tem nacionalidade, mas o nível atual entre nós parece ter passado todos os limites. Há profunda irritação no ar, irritação alimentada pela sensação de impunidade que, por sua vez, alimenta uma impotência que perturba. Algo nos corrói, a exemplo dos cupins, o que impede de visualizar o tamanho do estrago no futuro. Trago, por isso, o alerta de Alexander Soljenitsin nessa questão da impunidade: “se deixarmos de castigar e censurar os criminosos, estaremos privando as novas gerações das próprias fundações da justiça”.

Além da irritação esse panorama cria clima surrealista quando intercambia sinais com a insana criminalidade que afeta nosso cotidiano. No dia em que os jornais diziam que a covarde execução da corajosa juíza Patrícia Acioli, de Niterói-RJ, demonstrava todo poder e destemor do crime organizado as autoridades de Brasília discutiam se os gatunos do Ministério do Turismo deviam ou não ter sido algemados. Pode algo assim? Coincidências de fatos, mas de uma crueldade atroz para quem habita a planície.

Numa hora dessas a gente se desorienta, perde o rumo. A gente vira essas birutas de campo de aviação: treme conforme a força dos ventos. Os bandidos nos afrontam ao atingir o cerne do último resquício da nossa esperança e nossas autoridades investem tempo com questiúnculas de registros policiais de outro tipo de bandidagem.

Mas vamos em frente. Entre outras coisas dá para dizer que uma sociedade com instituições frágeis, instituições deformadas ou funcionando mal tende a estimular a corrupção e enfrenta dificuldades para controlá-la. A lista das distorções e fragilidades entre nós é longa, mas escolho uma que, por efeito sinérgico com outros problemas, nos destroçam lentamente: a centralização do dinheiro dos impostos arrecadados nas mãos do governo federal com poderes imperiais.

Faz pouco ajudei a redigir documento pró-Municipalismo que dizia: “não é exagero afirmar que esse centralismo absurdo do dinheiro gera distorções terríveis que impedem o exercício pleno da cidadania, pois prefeitos e parlamentares são vergados pela vontade imperial de quem tem o Poder de manipular os recursos públicos. Para obter o dinheiro que atenderá às necessidades do município o prefeito se torna dócil ao presidente, ao governador e ao parlamentar e, por sua vez, o parlamentar, para ter sua emenda concretizada, vai se tornando dócil aos executivos estadual e federal”.

Estou exagerando? Apenas vou repetir o que disseram os noticiários do final de semana: “A presidente da República decidiu tomar providências para evitar que a crise no Congresso assuma proporções maiores e definiu um pacote de benesses para acalmar deputados e senadores. O Palácio do Planalto vai liberar cerca de um bilhão de reais em emendas parlamentares apresentadas no ano passado”.

A emenda parlamentar virou um instrumento pernicioso e sem reforma fiscal que, entre outros aspectos, defina como distribuir adequadamente os encargos e as receitas entre os diferentes níveis de governo – União, estados e municípios – esses problemas se agravarão.

Perdoando demasiadamente aos que cometem faltas, fazemos uma injustiça contra os que não as cometem.” (Basdassare Castiglione)



Os fiscais, os candidatos a vereador & o mensalão

UM – O bordão da moda é fiscalização. Falta fiscalização em tudo, alegamos a todo instante diante de crimes que se repetem. No meio ambiente, na saúde, no trânsito, nas ações de governo, no exercício profissional, na ação de menores, nas escolas, não importa a área, a queixa é a mesma: inexistência de fiscalização. Talvez nesse ponto exista uma rara unanimidade nacional, ou seja, nossa carência de fiscais é mastodôntica. Indago: é por falta de um ente tão requisitado acabamos não respeitando as leis.

Diante do clamor por mais fiscais e fiscalização fui ao amanso burro. Nada de especial, mas a ilação que brota intriga: somos imaturos? Explicação dicionário: fiscal é a pessoa encarregada da fiscalização de certos atos ou de execução de certas disposições. Fiscalizar é submeter algo ou alguém a atenta vigilância. Atento é aquele que presta atenção, é cuidadoso. Vigilância é precaução, cuidado, prevenção.

Resumindo: estamos pedindo, exigindo (consciente ou inconscientemente?) que o governo bote um monte de gente a nos vigiar. É isso? Vigiar-nos como se fossemos crianças ou prisioneiros? Como se fossemos irresponsáveis, como se fossemos ineptos, como se fossemos idiotas? Ou será que é porque realmente nos conhecemos, sabemos do que somos capazes? Ou será porque temos boa noção sobre a natureza humana?

DOIS – Tenham paciência e analisem cuidadosamente a relação dos candidatos a vereador de sua cidade. Fiz isso em Passo Fundo. O exercício se revelará interessante. É oportuno. Andamos tão decepcionados com a política que é melhor prevenir (analisar em quem vamos votar

agora) do que remediar (chorar após um energúmeno obter vaga no Legislativo). No município mais de duzentos estão atrás do nosso voto, fazendo o que há de mais sagrado na democracia: colocando seus nomes à nossa consideração.

O que constatei? Sem exceção, todos os partidos tem gente de primeira linha entre seus candidatos. Independente de sigla há pessoas credenciadas para cumprir um mandato em alto nível se forem eleitas. A maioria – independente de sigla, repito – tem qualificação suficiente para ser um bom vereador. E essa deve ser a regra no país, ninguém me tira isso da cabeça. A Câmara de Passo Fundo tem 21 vagas e, se formos às urnas com sabedoria, escolhendo os melhores conforme a nominata posta à nossa disposição, elegeremos um Legislativo ético e competente. Saberemos fazer isso? Nossa história recente tem dito que não...

TRÊS – A posição do STF (no processo do mensalão) condenando o deputado João Paulo Cunha, do PT, já produz efeitos que terão incontáveis desdobramentos. O resultado mais visível é que de hora em diante ficará muito difícil (ou impossível?) negar a existência do mensalão. E, no decorrer da vida nacional, sejará uma enxurrada de análises sobre a história recente do país (vai encerrar o ciclo democracia-ditadura-democracia?) e poderá se tornar o divisor de águas no contexto da exigência de posturas republicanas de quem faz política. As análises são inevitáveis, até por que o número de descrente diminuirá na exata confirmação de que a mais alta corte do país não é instituição que abriga compadres e porque a postura de estadista da presidente Dilma vai ficando mais clara.



Quem atira a primeira pedra?

Na Bíblia, em João, 8,7 encontramos manifestação que atravessa os tempos, é ensinamento de força: "Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra". Foi o que disse Jesus ao grupo que condenava Madalena, tida como prostituta. O que significa na prática a exortação? Como todos somos pecadores ninguém tem moral para apontar o dedo a quem quer seja e a vida prossegue sem alteração. Com todos pecando à vontade.

É correto para todas as circunstâncias em todos os tempos essa máxima? Vamos a um fato concreto da vida moderna. Sem o deputado federal Roberto Jefferson, do PTB do Rio de Janeiro, o maior esquema de corrupção já montado neste Brasil e conhecido como mensalão ainda estaria funcionando e os operadores roubando grana pública à saciedade. Graças a ele alguns mensaleiros estão em cana.

A justiça chegou ao lampejo civilizatório de prender grandão corrupto por que o parlamentar, que também irá para a prisão, não seguiu a máxima em João. Sim, ele não seguiu o ensinamento bíblico! Atirou a primeira pedra e deu no que deu, a justiça que deve ser cega se mostrou também surda ao tilintar das moedas e isso é o acontecimento do século num país que anda eticamente pelas caronas.

Eu acima falei alguns mensaleiros estão em cana porque o chefe da quadrilha continua solto vociferando como anjo. Disse Jefferson "não estamos puxando a barba do bode. Temos de puxar a barba do bode para mostrar onde está o DNA da corrupção." E, logo adiante, afirmou: "Este é o governo mais corrupto que já testemunhei nos meus 23 anos de mandato, o governo do presidente Lula." Afinal, quem é o chefão?

Pois nossa justiça chegou ao lampejo civilizatório de botar grandão corrupto na cadeia por que o deputado, que também irá para a prisão, não seguiu João. Ele atirou a primeira pedra e a justiça que deve ser cega se mostrou também surda ao tilintar das moedas e isso é o acontecimento do século num país que anda eticamente pelas caronas.

Nesse quadro de esperança renovada quanto ao futuro mais decente, em que o Brasil julga, condena e prende poderosos por causa de mal feitos algumas perplexidades persistem e, novamente, fico com o homem que ousou atirar a primeira pedra e cuja pergunta continua sem resposta: "Os tres mosqueteiros (José Dirceu, Luiz Gushiken, Palocci) do rei sabiam. Será que o rei não sabia?"

Pois é, aqui entramos no cerne da questão do exercício do poder no Brasil desde o momento em que as "esquerdas" assumiram o comando central. Recordemos para dar um dado novo para a reflexão dos jovens de agora: o que se condenávamos com unhas e dentes na "direita" e nas "elites" (nos idos revolucionários de 64) era o uso do poder para humilhar, esmagar, colocar de joelhos qualquer interlocutor. Quem era amigo do rei de plantão não precisava ir para Pasárgada, tinha todas as benesses, independente da competência ou mérito. O que denominamos de conceitos republicanos não existiam.

Pois é, como disse outro dia, dezenas de anos depois, dezenas de mortos depois, dezenas de torturados depois, centenas de prisões depois apenas trocamos as moscas, no governo das "esquerdas". Ou seja quem é amigo do rei se dá bem. E para não dizer que não falo de flores utilizo manifestação do Frei Beto na Zero Hora para confirmar o que disse acima: "O PT trocou o projeto de Brasil pelo de poder." E de lambuja botou na mesma linha quase todos os grandes partidos nacionais. É tudo farinha do mesmo saco?



Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Confusões entre o DNA da esquerda e o DNA da direita

Reconheço certa tendência para ser do contra. Talvez seja cacoete da profissão a que fui obrigado abraçar para sobreviver quando os demais caminhos foram truncados. Mas confesso que não gosto disso, mas têm restado poucas opções entre nós quando se vê o cenário nacional após o fim do regime de 1964. Fico com a impressão de que a única diferença entre o período da ditadura militar e agora – no quesito denúncias de corrupção – é que a imprensa pode ir fundo.

Fiz o que pude (talvez pudesse ter feito mais, quem saberá?) durante a ditadura. Era adolescente quando quebraram a normalidade democrática (havia motivo em 64 que justificasse essa anomalia?) e na minha empreitada contra a tirania cometi muitos erros. Mas tenho a consciência tranquila (para mim é o que interessa), de que naquele momento tínhamos que lutar contra o arbítrio (e não vejo mérito nem demérito nisso...)

Hoje – em plena democracia – fustigo a trincheira de quem acena (de modo especial aos jovens) com utopia carcomida pela ferrugem como se fosse nova e, então, aqui estou sendo considerado do contra. Bobagem. Acho que até este escrito é perda de tempo. A posição é simples: nada evolui sem erros, mas porque repetir justo os mesmos em tão curtíssimo espaço de tempo? Por que desperdiçar outra geração de jovens com a mesma conversa fiada? Com o surrado papo de engenheiro de obra pronta?

Nesse contexto, no frigidar dos ovos, nos depararmos com outra situação: pessoas que defenderam com unhas e dentes a ditadura militar hoje defendem o governo liderado pelo Partido dos Trabalhadores com unhas e dentes. E, sobre estas pessoas, não me cabe fazer (e nunca fiz)

juízo. Mesmo por que, bem ou mal, houve anistia. Sim, tem quem ficou quietinho e agora também arrota grosso, mas é parte desse jogo.

O que causa alguma estranheza não é o fato da pessoa mudar o modo de pensar (sem mudança ainda acreditaríamos que o sol gira em torno da terra) e, sim, assistir quem botou o rabo entre as pernas durante a ditadura se sentir, agora, no direito de julgar a tudo e a todos com postura de moralista de aluguel. Quem suporta moralista que dita suas cartas com a secretária no colo?

Porém, o tipo mais estranho, motivo deste texto, é aquele que propôs e até lutou por mundo diferente (se dizendo de esquerda) e ao chegar ao poder faz pior do que fazia a direita calhorda que nos levou ao golpe. A ingenuidade impediu de enxergar que essa gente não era movida pela utopia do mundo novo, agia apenas pela inveja de quem tinha grana, tinha poder, tinha destaque e usou o descontentamento contra o arbítrio para ganhar projeção.

O mensalão (e quem defendem os condenados) foi o caminho mais curto para provar que a inveja da direita calhorda moveu essa gente. De quebra confirmou a ocasião faz o ladrão. E o mensalão é a parte visível do esquema de apropriação do aparato estatal para enriquecimento ilícito desses que se intitularam representantes do novo mundo para os mais pobres. É enorme a quantidade que, no Brasil, faz política em nome de um novo mundo e enriquece com facilidade. Um fenômeno daqui, da China, da Rússia, da Venezuela, da Argentina, fenômeno interessante onde, o DNA da direita foi inoculado na esquerda para perpetuar Giuseppe Tomasi di Lampedusa: devemos mudar para podermos deixar tudo como está.